

INTERSEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

Lorena Abreu ¹
Marcos Reis dos Santos ²

INTRODUÇÃO

A sigla **LGBTQIAPN+** surgiu para abranger e representar pessoas, como comunidade, através de recortes de gênero e sexualidade, visto que é um tema que sempre existiu na sociedade e foi marcado pelo sofrimento e marginalização que essa comunidade sofre muito antes de ser nomeada. O preconceito relacionado a gênero e sexualidade dentro de um conceito de cultura e interseccionalidade existe em nossa sociedade quase como uma marca social, sentenciada pelo senso comum como algo incompreensível, não atoa somos pelo quarto ano consecutivo o país que mais mata essa comunidade. O Relatório do Observatório de Mortes e Violências contra LGBTQIA+ mostra que no ano de 2021 foram 316 mortes (AGENCIABRASIL, 2022).

Debates que cercam desde as Ciências Humanas até as Ciências da Natureza contribuem para tornar esse debate mais compreensível e quebrar estigmas sociais. Quando falamos da letra “I” da sigla, as pessoas Intersexuais, que são pessoas que biologicamente possuem características de ambos os sexos, feminino e masculino. Em livros-texto de Biologia, o termo “Hermafrodita” é usado para explicar espécies não-humanas que apresentam dois sistemas reprodutores no mesmo organismo, entretanto, quando o tema é levado para a vida humana, entende-se que como espécie racional, dominante e social que somos é importante humanizar esse conceito desde a nomenclatura, visto que a língua é um organismo vivo que se modifica junto com a cultura, assim podemos avançar um pouco na vivência, socialização, debate e discussão da existência e formação do sujeito e da subjetividade desses indivíduos dentro de uma sociedade carregada de lógicas binárias e sistêmicas que determinam funções de gênero desde o descobrimento do nosso sexo biológico.

Segundo Deda e Valle, existem aproximadamente 40 variações intersexo, parte destes sujeitos são identificados antes ou logo após o nascimento, entretanto existem aquelas pessoas

¹ Estudante do curso técnico em mineração, IFBA Campus Jacobina, lorenaabreufba@gmail.com

² Professor de Biologia do IFBA Campus Jacobina, marcosreis@ifba.edu.br



que, ao chegar à puberdade, passarão por mudanças corporais que são diferentes do esperado pelas pessoas do seu respectivo sexo.

Trazemos aqui uma breve exposição desse conceito em camadas de socialização e de que maneira a ciência e a educação contribuem para informar e trazer uma evolução acerca do debate e da importância de discutirmos e legitimarmos existência dos intersexuais.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho envolveu a revisão de literatura com a consulta de trabalhos que abordam o tema em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro de uma sociedade com ideias binárias o conceito de gênero acaba sendo um fator determinante para que o indivíduo forme a sua subjetividade, isso porque a sociedade funciona de maneira sistêmica que precisa de papéis de gênero para manter uma hegemonia de espaços, de poder concentrada no sexo masculino, que é o patriarcado, como isso seria impossível de “Implantar” em nós do dia para a noite se faz necessário designar papéis a partir do gênero desde o nosso nascimento, esse debate se aprofunda na Filosofia e Sociologia vários autores e autoras como Marta Lamas antropóloga que discute papéis de gênero dentro do capitalismo e Simone de Beauvoir filósofa que escreveu sobre o gênero como uma construção social (BEAUVOIR, 1980).

Cria-se assessorios de gênero, na infância surge com: brinquedos de menina, brincadeiras de menina, brinquedos de menino, brincadeiras de menino. E ali entendemos de forma subconsciente quem somos e quais lugares podemos ocupar, e até mesmo, como devemos nos comportar, a partir do gênero, quais sentimentos e emoções que uma menina tem, e quais comportamentos e emoções um menino tem, mas nós não “temos” nada, na verdade a gente é reprimido dos sentimentos que NÃO podemos ter a partir do nosso gênero, ou seja, ocorre um apagamento, e somos incentivados e estimulados quando temos um sentimento/comportamento que dentro desse modelo sistêmico esteja de acordo com o nosso gênero, nas Ciências Humanas e Sociais esse conceito leva o nome de “Papel Social de Gênero” e nos leva a discussões profundas.



Esse modelo de criação existe para manter um sistema, e na grande maioria dos indivíduos esse modelo heteronormativo e patriarcal foi aceito, grande parte das pessoas são sujeitos a partir desse sistema, mulheres desenvolvendo sentimentos fraternos e maternais e homens desenvolvendo sentimentos de força, liderança e domínio, mulheres em determinadas profissões geralmente relacionadas a cuidado, delicadeza, beleza, e homens em profissões ligadas a poder, proteger e prover. Algumas áreas que lidam diretamente com o cuidado humano como a enfermagem no Brasil é composta 85% por mulheres segundo Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), outra área que também lida com um grande protagonismo feminino é a docência, segundo dados do Censo Escolar de 2020 mulheres são 81% dos docentes de escolas regulares, técnicas e EJA. Já no campo político as mulheres estão em porcentagens bem menores segundo dados compilados pela Inter-Parliamentary Union – uma associação dos legislativos nacionais de todo o mundo – no Brasil, pouco mais de 10% dos deputados federais são mulheres. Ocupamos o 154º lugar entre 193 países do ranking elaborado pela associação, à frente apenas de alguns países árabes, do Oriente Médio e de ilhas polinésias.

Com avanço de movimentos como o movimento feminista, o próprio movimento **LGBTQIAPN+** que tem um grande destaque questões de homossexualidade e transgeneridade, que questionaram esse modelo sistêmico e consequentemente o modelo de gênero existente e suas consequências, levando os dias atuais a discutir politicamente temas como: pronome neutro, existência de banheiros trans inclusivos, e uma profunda discussão sobre o que o gênero, o que é ser homem, o que é ser mulher, visto que, algumas áreas da ciência entenderam que dentro desse modelo, o conceito de gênero que temos é uma construção social, e isso nos levará futuramente a lugares muito mais profundos, pois se o gênero como conhecemos é uma construção social, levantam-se vários questionamentos sobre, o que de fato é o gênero? Qual o papel que o nosso sexo biológico é realmente capaz de definir em nossas vidas? Por que os conceitos de gênero são tão importantes para a construção da nossa subjetividade? Como seremos tratados socialmente pelo resto de nossas vidas a partir do recorte do nosso gênero?

Todos esses fatores dão ênfase para explicarmos porque há uma invisibilidade, um gigantesco apagamento da população que já em suas características biológicas não se encaixam completamente em um desses gêneros, e entender qual o papel que a ciência teve sobre isso, visto que nos próprios livros de Biologia vinham explicitamente nomeando a existência de dois sexos únicos como algo “normal” em seu funcionamento correto e colocando a população intersexual descritas como anomalias, ou seja, algo fora da normalidade, e isso nos gera consequências pois temos de maneira enraizada o conceito de normal como sinônimo do



conceito de correto, então desde a explicação da própria ciência em espaços de educação houve uma invalidação da intersexualidade.

E dentro dos parâmetros de leis, direitos e democracia, é incorreto que exista uma população de pessoas que se sintam excluídas e desrespeitadas dentro da sociedade. Portanto, se a educação e a própria ciência foram um dos caminhos para invalidar a existência dessas pessoas, ela também pode ser um dos caminhos, ou o principal caminho, para devolver a essas pessoas, dignidade, respeito e uma existência legítima distante de qualquer conceito de anormalidade, e também nos levando ao debate profundo sobre o conceito de gênero e até onde permitiremos que ele fundamente a nossa existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos por fim, o papel que a educação deve se comprometer para desfazer e refazer o conceito, a ideia, de quem são as pessoas intersexuais, de que sua existência não é uma anomalia, que é uma existência legítima e que deve ser respeitada, isso começa com nomenclaturas e conceitos desde as Ciências da Natureza à Ciências Sociais de validar a existência dessas pessoas como sujeito, distante de qualquer conceito confuso e incompreensível. Dar voz, lugar e espaço a essas pessoas para ouvirmos suas dores, seus incômodos além de oferecer um caminho de respeito, sem imposições de gênero, sem colocar essas pessoas em espaços limitados, discutindo questões sociais como a heteronormatividade, a existência de papéis de gênero, o próprio conceito existente do que é o gênero, longe do binarismo e perto da inclusão, temos a educação como um caminho para mudar pensamentos arcaicos e conseqüentemente leis que permitam a essas pessoas o respeito legítimo em espaços públicos, para que sejam tratadas da maneira que desejar, pelo pronome que desejar, para assegurar que essas pessoas não sofram discriminação em espaços fundamentais como mercado de trabalho, faculdade, hospitais. Tudo isso a partir da educação pois nela a população consegue entender que não há nada de errado sobre a existência dessas pessoas e legitimar esse fato em todos os espaços que as pessoas intersexuais ocuparem.

Transformar a educação num lugar realmente democrático, laico e comprometido com a discussão da pluralidade, diversidade e inclusão, conscientes de que um ambiente acadêmico realmente democrático é aquele onde todos se sintam pertencentes, livres, respeitados e representados.



Palavras-chave: Diversidade, Gênero, Preconceito, Invisibilidade.

AGRADECIMENTOS

IFBA Campus Jacobina

REFERÊNCIAS

AGENCIABRASIL. **O Relatório do Observatório de Mortes e Violências contra LGBTQIA+ mostra que no ano de 2021 foram 316 mortes.** 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/numero-de-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-subiu-333-em-um-ano>> Acesso em 10 de ago. 2022.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet.** 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

DEDA, B.; VALLE, M. M. R. **Intersexualidade e sua (in)visibilidade na educação básica.** VIII Enalic. VIII Encontro Nacional das Licenciaturas.

SILVA, L. A. S.; SILVA, E. P. Q. Diálogos entre a intersexualidade e o ensino de Biologia. **Revista Diversidade e Educação**, v. 9, n. Especial, p. 576-599, 2021.

VIEIRA, A.; COSTA, A. G.; PIRES, B. G.; CORTEZ, M. “Intersexualidade: desafios de gênero”. **Periódicus**. n. 16, v. 1 set. 2021-dez. 2021 p. 01-20.